

Flusser codificado

FLUSSER, V. 2007. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo, Cosac & Naify, 224 p.

Fabrcio Silveira¹

Nos últimos anos, o nome de Vilém Flusser tem sido cada vez mais freqüente no campo da pesquisa em Comunicação. Tanto os trabalhos dedicados à fotografia quanto aqueles voltados à dimensão existencial da vida humana numa sociedade aparelhada ou à elaboração de uma filosofia da técnica mais abrangente (sobretudo no que diz respeito às repercussões dos dispositivos técnicos sobre a criação artística), têm encontrado na obra deste filósofo tcheco-brasileiro estímulos consideráveis e perspectivas muito desafiadoras. Em meio a esta oportuna e feliz recuperação bibliográfica, dando-lhe ainda maior pujança, é que se insere agora *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*, lançado há poucos meses pela editora Cosac & Naify.

O judeu Vilém Flusser nasceu em 12 de maio de 1920. Em 1939, fugindo do nazismo, juntamente com aquela que se tornaria sua esposa – Edith Flusser –, mudou-se para Londres e, em seguida, para o Brasil. Por volta de 1960, sem nenhuma formação universitária, de forma completamente autodidata, passou a dedicar-se à produção acadêmica e intelectual. Foi amigo do jurista e ex-reitor da USP Migueal Reale Jr., com quem fundou, em 1967, a primeira faculdade de Comunicação Social do Brasil, a Faculdade de Comunicação da FAAP/SP. Teve ainda outros amigos “notáveis”, como o filósofo Milton Vargas, que lhe concedeu a posição de assistente docente na cadeira de Filosofia da Linguagem, no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o filósofo Vicente Ferreira da Silva, que o levou para o Instituto Brasileiro de Filosofia, Alfredo Mesquita, que o convidou para ministrar aulas na Escola de Arte Dramática/USP (onde se encarregou das disciplinas de História do Espetáculo e Teoria da Máscara). Flusser teve vínculos de amizade também com Décio de Almeida Prado, que o convidou para atuar como colaborador de um suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo*, e com Leônidas Hagenberg, tradutor brasileiro de Charles Sanders Peirce.

A história do diabo, também relançado há pouco mais de dois anos, é seu primeiro livro escrito. A primeira publicação, contudo, é *Língua e realidade* (1963), igualmente reeditado pela Ed. Annablume, em 2004, com prefácio de Norval Baitello Jr.

No começo dos anos 1970, Flusser voltou para a Europa. Até 1991, quando veio a falecer, num acidente automobilístico, atuou como palestrante e passou a publicar com boa freqüência. Da produção dessa fase, ainda há pouca coisa traduzida para o português. O próprio *Filosofia da caixa preta* foi publicado originalmente na Alemanha, em 1983. Só depois foi reescrito e lançado no Brasil. Segundo Arlindo Machado, a edição brasileira seria mais madura. Nela, o próprio título é modificado – acrescentando-se a expressão “caixa preta” (que seria uma adequada e sugestiva síntese da proposta central do autor). Para Machado, a edição

¹ Jornalista (UFSM), Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS), Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS – RS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, São Leopoldo – RS. E-mail: fabrciosilveira@terra.com.br.

brasileira deveria ter sido tomada como base para toda a longa série de traduções que a obra recebeu. O livro foi traduzido para cerca de 14 idiomas.

Foi na Europa que Flusser produziu suas obras mais propriamente voltadas para o estudo da comunicação e da mídia. *O mundo codificado* é uma reunião de textos produzidos neste período. O livro encontra-se dividido em três seções: “Coisas” e “Construções” reúnem artigos publicados anteriormente em *The shape of things: a philosophy of design* (Reaktion, 1999); por sua vez, os textos reunidos na seção “Códigos” já haviam aparecido em *Writings* (organizado por Andreas Ströhl, em 2002). Nada mais oportuno, então, do que oferecer ao público de língua portuguesa alguns dos melhores fragmentos da comunicologia deixada por Vilém Flusser.

Três grandes influências marcaram-lhe a obra: o marxismo, o formalismo e Ortega y Gasset. Aliás, é justamente a leitura de *A rebelião das massas* (do autor espanhol) que o colocou em contato com Nietzsche e o jogou em direção ao existencialismo (Camus, principalmente). Como formalista, vale reconhecer sua admiração por Ludwig Wittgenstein. Ainda que fosse influenciado então por um certo positivismo lógico, sua reflexão o transcende, adquirindo, muitas vezes, um tom francamente *absurdo*.

Registre-se também o caráter especulativo-ficcional-fabular da atitude expositiva (e, nesse sentido, metodológica) adotada. Parece que estamos diante de algum tipo de ficção científica, com tons de provocação, de relato jornalístico ou de manifesto cultural. Isto talvez se dê em função da experiência do autor com textos jornalísticos, textos curtos e textos de ação política, em certo sentido.

O discurso de Flusser é desmodalizado, as frases são diretas e taxativas. Assemelha-se a uma fala quase profética. Saliente-se também que algum ceticismo e uma vaga fenomenologia são suas mais fortes influências. Segundo Gustavo Bernardo, um dos principais intérpretes de Flusser no Brasil, teríamos três fenomenologias: uma, transcendentalista (como em Husserl); outra, existencialista (como em Sartre e Camus); e outra, hermenêutica (como em Gadamer). Flusser transitaria entre elas, posicionando-se, preferencialmente, no interior da última.

Este estilo experimental possui também caráter de projeto. *Filosofia da caixa preta*, por exemplo, apresenta-se como “ensaio para uma futura filosofia da fotografia”. Assim, se o compararmos com Benjamin (tomado aqui em função de seu principal escrito, *Passagens*), encontraremos aí dois autores marcados por uma espécie de incompletude tática, dedicados à criação de “mundos possíveis”, de linhas de reflexão que visam antes à criação (e à ficção, assim sendo) de novos ângulos e horizontes de trabalho.

O estilo acadêmico, para Flusser, combina honestidade intelectual com desonestidade existencial. “Ninguém pensa academicamente”, embora muitos assim escrevam, diz ele. O estilo acadêmico seria um *faz de conta*, onde empenhamos o intelecto e *tiramos o corpo fora*.

Filosofia da caixa preta, sem dúvida alguma seu livro mais conhecido, é antes um livro de análise das mídias como um sistema ou um livro de antropologia filosófica da técnica. A fotografia, nesse contexto, é mero pretexto para a discussão.

Para Flusser, Auschwitz é (ou foi) o fim da história. A história, aliás, é a história das explicações que, com o correr do tempo, se tornam mais e mais insatisfatórias. Em síntese, *pós-história*, para Flusser, implica não-linearidade e nova mitologia (ou nova magia); implica também a progressiva substituição dos sistemas de escrita pelas imagens técnicas. Para ele, a expressão *pós-história* não deve ser tomada num sentido barato de “pós-modernidade”. Flusser acredita que a história da humanidade seria a história de três catástrofes: (1) a *hominização*, a descida para a savana, o andar erético, que implica aquisição de conhecimento e nomadismo; (2) o *assentamento*, que implica cultivo da terra, a criação de animais e de agrupamentos humanos, acumulação de bens materiais; (3) ainda sem nome, mas que pode ser entendida como uma nova hominização, ou uma *hominização virtual*, onde a morada é atravessada pelo que chama

de “ventos da informação”, onde coisas materiais passam a ser menos importantes do que não-coisas, do que informações, *softwares* e similares; ou seja: algo invade nossa morada.

Neste contexto, comunicação e *design* seriam campos centrais para o entendimento de nosso presente. Ambos seriam interdependentes, ambos seriam devotados à codificação do mundo e da experiência humana. “A teoria da comunicação”, diz ele, de forma tão única quanto poética, “ocupa-se com o tecido artificial do deixar-se esquecer da solidão, e por causa disso é uma ‘humanity’” (Flusser, 2007, p. 91).

O mundo codificado é mais uma oportunidade preciosa para que o leitor brasileiro possa se defrontar com produção tão forte e particular. Amadurecem aqui a verve argumentativa, os interesses e os conceitos mais marcantes, o olhar sempre surpreendente e o inusitado *modus operandi* de Vilém Flusser. Mais atraente ainda é a possibilidade de vê-lo dedicando-se aos temas comunicacionais nos quais ainda nos debatemos. Muito bem-vinda, uma leitura obrigatória e iluminadora.

Referências

- BENJAMIN, W. 2006. *Passagens*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1167 p.
- FLUSSER, V. 2004. *Língua e realidade*. São Paulo, Ed. Annablume, 228 p.
- FLUSSER, V. 2005. *A história do Diabo*. São Paulo, Ed. Annablume, 216 p.
- FLUSSER, V. 2005. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 82 p.
- FLUSSER, V. 1999. *The shape of things: a philosophy of design*. London, Reaktion Books, 120 p.
- FLUSSER, V. e STRÖHL, A. (org.). 2002. *Writings*. Minnesota, Univ. Minnesota Press, 230 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 2002. *A rebelião das massas*. São Paulo, Martins Fontes, 300 p.

Submetido em: 06/09/2007

Aceito em: 08/09/2007

